

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 15 • 2007



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2007

**A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA E O ESPAÇO EUROPEU  
BALANÇOS E PERSPECTIVAS**

**ACTAS DO COLÓQUIO**

**Sociedade de Geografia de Lisboa**

(Lisboa, 30 de Outubro de 2007)



Coordenador:  
João Luís Cardoso

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**

2007

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
Volume 15 • 2007      ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E  
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores  
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218 444 340  
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## **OSMOSE CULTURAL E NEOLITIZAÇÃO NA PRÉ-HISTÓRIA EUROPEIA. A PROPÓSITO DA TRANSIÇÃO MESOLÍTICO-NEOLÍTICO NO SUL DE PORTUGAL**

Carlos Tavares da Silva<sup>1</sup>  
Joaquina Soares<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Os autores procuram aplicar o conceito de *osmose cultural* ao processo de neolitização ocorrido em três áreas europeias: a Costa Sudoeste, o Vale do Sado e a planície setentrional da Europa. Esse processo teria sido protagonizado pelas populações do Mesolítico Final ao adoptarem (e reelaborarem) as inovações neolíticas, tecnológicas e/ou económicas, de modo selectivo e de acordo com as suas próprias necessidades e identidade cultural. Em suma, a dinâmica gerada pelo desenvolvimento económico-social das populações mesolíticas teria constituído o factor fundamental da integração selectiva das referidas inovações.

Os autores privilegiam as relações de vizinhança, admitindo que a prática da exogamia poderia ter representado importante veículo de difusão.

### **1 - NEOLITIZAÇÃO NA COSTA SUDOESTE**

Temos vindo a defender um modelo baseado na osmose cultural, alternativo ao da difusão démica, para explicar a neolitização da Costa Sudoeste portuguesa.

Por osmose cultural, conceito na prática quase equivalente ao de percolação (RODRÍGUEZ ALCALDE *et al.*, 1996), entendemos o estabelecimento de influências recíprocas entre duas comunidades humanas, em que a “membrana porosa” que as separa corresponde à estrutura económica e sociocultural, ao estágio de desenvolvimento de cada uma delas. O mecanismo de transmissão de informação efectua-se de acordo com um modelo capilar (RODRÍGUEZ ALCALDE *et al.*, 1996), assente em relações de vizinhança. Os fluxos mútuos de osmose podem ocorrer através de alianças matrimoniais, desempenhando a exogamia importante papel nas relações intergrupais e na transmissão de informação.

Deste modo, o processo de neolitização da Costa Sudoeste teria sido protagonizado pelas populações do Mesolítico Final, ao adoptarem e reelaborarem as inovações neolíticas, tecnológicas e/ou económicas, de modo selectivo e de acordo com as suas próprias necessidades e identidade cultural. Por outras palavras, a dinâmica gerada pelo desenvolvimento económico-social das populações mesolíticas teria constituído o factor fundamental da integração selectiva das referidas inovações.

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Arqueológicos/MAEDS, ctavaressilva@gmail.com.

<sup>2</sup> Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

Foi essa dinâmica que exigiu, numa lógica de crescente sedentarização, integração social e desequilíbrio demográfico-ecológico, sucessivos avanços na via da intensificação económica. Começamos a descortinar, no final do Tardiglaciário, a exploração intensiva de recursos marinhos, de baixo rendimento, comparados com os cinegéticos (estabelecimentos especializados na recolha de marisco da Pedra do Patacho, em Vila Nova de Mil Fontes – SOARES & SILVA, 1993 – e Fonte Santa, em Aljezur, jazidas ricas em conchas de *Littorina littorea*). Assistimos, durante o Holocénico antigo, ao incremento da litoralização do povoamento. No período Atlântico ocorrem típicas economias de largo espectro, com expressão em extensos estabelecimentos de base (Samouqueira I, Vale Marim, Fiães – SOARES, 1995 e 1996), provavelmente ocupados ao longo de todo o ano, dotados de estruturas de armazenamento e de áreas sepulcrais e estratégias de mobilidade logística, compatíveis com formas de proto-sedentarização; verifica-se a exploração alargada do território, o que permitia minimizar os efeitos do crescimento demográfico. Deste modo, surgem estabelecimentos especializados, de curta duração (Montes de Baixo, Castelejo, Armação Nova – SILVA & SOARES, 1997; SOARES *et al.*, 2005-2006).

O registo arqueológico revela, pois, logo a partir dos inícios do Epipaleolítico, nítido crescimento demográfico e complexidade social, os quais, associados a fenómenos de *stress* ambiental<sup>3</sup>, exigirão a precoce adopção (meados do VI milénio a.C.) das primeiras formas de produção de alimentos (Padrão – GOMES, 1997 –, Cabranosa – CARDOSO *et al.*, 1998 –, Vale Pincel I – SOARES & SILVA, 2003 e 2004).

As inovações neolíticas são adoptadas selectivamente e reelaboradas de acordo com as necessidades de cada grupo e a respectiva identidade cultural. Assim se podem explicar, por exemplo, a persistência da tradição tecnológica mesolítica na manufactura da indústria lítica ou as diferenças estilísticas observáveis nos artefactos cerâmicos dos sítios de Vale Pincel I, Samouqueira II ou Cabranosa, pertencentes à fase plena do Neolítico Antigo.

Circularam bens materiais, obviamente, mas, sobretudo, informação através de um processo de osmose cultural, possibilitado por relações de vizinhança, que filtrou em qualidade e quantidade as inovações económicas e tecnológicas que a organização social mesolítica podia vantajosamente integrar, sem desarticular a sua matriz social. Esta prosseguirá no mapa do povoamento, na estratégia de mobilidade logística e na forte componente predatória de um neolítico proto-campesino.

## 2 – VALE DO SADO E ERTEBØLLE: MESOLÍTICOS COM CERÂMICA

No Vale do Sado, mais precisamente nos concheiros mesolíticos do Cabeço do Pez e das Amoreiras, as evidências de um processo de osmose cultural apresentam-se mais nítidas que na Costa Sudoeste pelo facto de na vida socio-económica dos grupos mesolíticos daquela área geográfica ter sido incorporado, aparentemente, só um dos itens do chamado “pacote neolítico”. Referimo-nos à presença de recipientes cerâmicos naqueles concheiros.

As escavações promovidas nos anos 50 do século passado por Manuel Heleno no Cabeço do Pez exumaram mais de cinco dezenas de fragmentos de cerâmica, que formam um conjunto muito homogéneo não só no que respeita à pasta, mas também no que concerne à morfologia e estilo decorativo. A decoração caracteriza-se por motivos impressos (com o recurso a diversificadas matrizes: caules ocos, espátulas, punções actuados obliquamente), incisos e plásticos (mamilos por vezes sobre o bordo e associados a asinhas; cordões segmentados, verticais e horizontais) o que permite considerá-la do Neolítico antigo evolucionado e datá-la dos finais do VI milénio/primeira metade do milénio seguinte.

---

<sup>3</sup> Atenda-se ao facto de no litoral alentejano, na passagem do Holocénico médio A para o Holocénico médio B o clima acusar maior *secura*, notando-se o decréscimo da cobertura florestal e a expansão dos matagais (QUEIROZ, 1999; SOARES & SILVA, 2004).

De acordo com as indicações deixadas por M.Helena, este conjunto cerâmico teria sido exumado nos níveis médios e superiores, em ambiente de concheiro e associado a indústria lítica tipicamente mesolítica (SANTOS *et al.*, 1974). Além disso, as datas radiocarbónicas obtidas por J. M. Arnaud (2000) para os níveis médios e superiores do mesmo concheiro (5200-4790; 5440-5080 e 4680-4040 cal BC a 2 sigma) são perfeitamente coerentes com a tipologia da referida cerâmica. De notar ainda a ausência, mesmo nos níveis superiores, de indústria lítica em pedra polida, considerada mais recente. Deste modo, somos levados a admitir que o grupo humano mesolítico que ocupou o Cabeço do Pez integrou, em dado momento (finais do VI/primeira metade do V milénio a.C.), na sua cultura material, recipientes cerâmicos, provavelmente de produção local/regional (atenda-se ao elevado número de exemplares e à homogeneidade do conjunto). Se partirmos do princípio que a cerâmica seria produzida por elementos do sexo feminino, os quais se ocupariam também da prática da agricultura, parece-nos de supor que esta última actividade estaria ausente do Cabeço do Pez, não pelo facto do grupo mesolítico aí estabelecido a desconhecer, mas sim por não lhe ser efectivamente necessária. Deste modo, podemos inferir que das relações entre os mesolíticos do Vale do Sado e os grupos vizinhos já neolitizados, os primeiros teriam adoptado, de forma selectiva, apenas elementos do complexo neolítico, em particular a cerâmica, que se comportaria como inovação útil a uma economia de caça-recolocção-armazenamento.

A elevada produtividade biológica do paleo-estuário do Sado teria suportado durante mais de um milénio, entre a segunda metade do VII e o V milénio a.C., um equilíbrio demográfico-ecológico que dispensou a precoce adesão (ao contrário do que teria ocorrido na Costa Sudoeste) às práticas agro-pastoris.

No vale do Sado, foi ainda assinalada a ocorrência de cerâmica estilisticamente atribuível ao Neolítico antigo nos níveis inferiores do concheiro das Amoreiras: “um contexto caracterizado por uma cultura material e por uma economia puramente mesolíticas” (ARNAUD, 2000, p. 32). As datações radiocarbónicas situam este concheiro entre os finais do VI e a primeira metade do V milénio a.C..

A presença de recipientes cerâmicos em contextos mesolíticos do Vale do Sado está longe de ser um caso único a nível europeu. Com efeito, essa presença é igualmente marcante nas culturas mesolíticas da planície setentrional da Europa, desde os Países Baixos (Swifterbant) à Lituânia (Narva), passando pelo sul da Escandinávia (Ertebølle) e pela Finlândia (Sparrings) (JENSEN, 1982; CAUWE, 2004).

Verifica-se que, nessa região, a plena neolitização é tardia, em contraste com as vizinhas regiões meridionais onde já floresciam economias de produção.

É possível explicar esta discrepância, recorrendo à hipótese de os grupos mesolíticos não sentirem a necessidade de aderir à economia de produção de alimentos, que certamente conheciam, por disporem de recursos naturais suficientes à manutenção do equilíbrio demográfico-ecológico.

No caso concreto da cultura de Ertebølle, constata-se que a partir de 5000 a.C. o aumento da produção biológica de uma costa muito recortada, com numerosos estuários e ilhas, irá suportar progressiva sedentarização. A estratégia de subsistência é de largo espectro, com a exploração de grande diversidade de ecossistemas: estuários, sistemas lagunares, rios do interior, litorais expostos, floresta. Mas são os meios estuarinos que, pela sua riqueza biológica, permitem manter ao longo de todo o ano as comunidades de caçadores-recolectores. Aí se estabelecem *habitats* proto-sedentários complementados por acampamentos especializados, por exemplo, na pesca do bacalhau, ou na caça à baleia ou de mamíferos terrestres.

É neste contexto económico, a que corresponderia uma organização social talvez já marcada por alguma diferenciação, no dizer de J.Guilaine (2004), e onde a necessidade de armazenar seria provavelmente premente, que surge a produção de contentores cerâmicos. O processo de osmose cultural terá sido responsável pela assimilação selectiva de apenas uma pequena parcela do chamado “pacote neolítico” por essas comunidades de caçadores-recolectores em

contacto com os seus vizinhos do sul, já plenamente neolitizados<sup>4</sup>. Só mais tarde, quando, ao findar o V milénio, pelo crescimento demográfico, induzido pela progressiva sedentarização, ocorre um desequilíbrio demográfico-ecológico, sentido principalmente em áreas do interior, menos ricas em recursos naturais, é introduzida a economia de produção de alimentos. (JENSEN, 1982).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

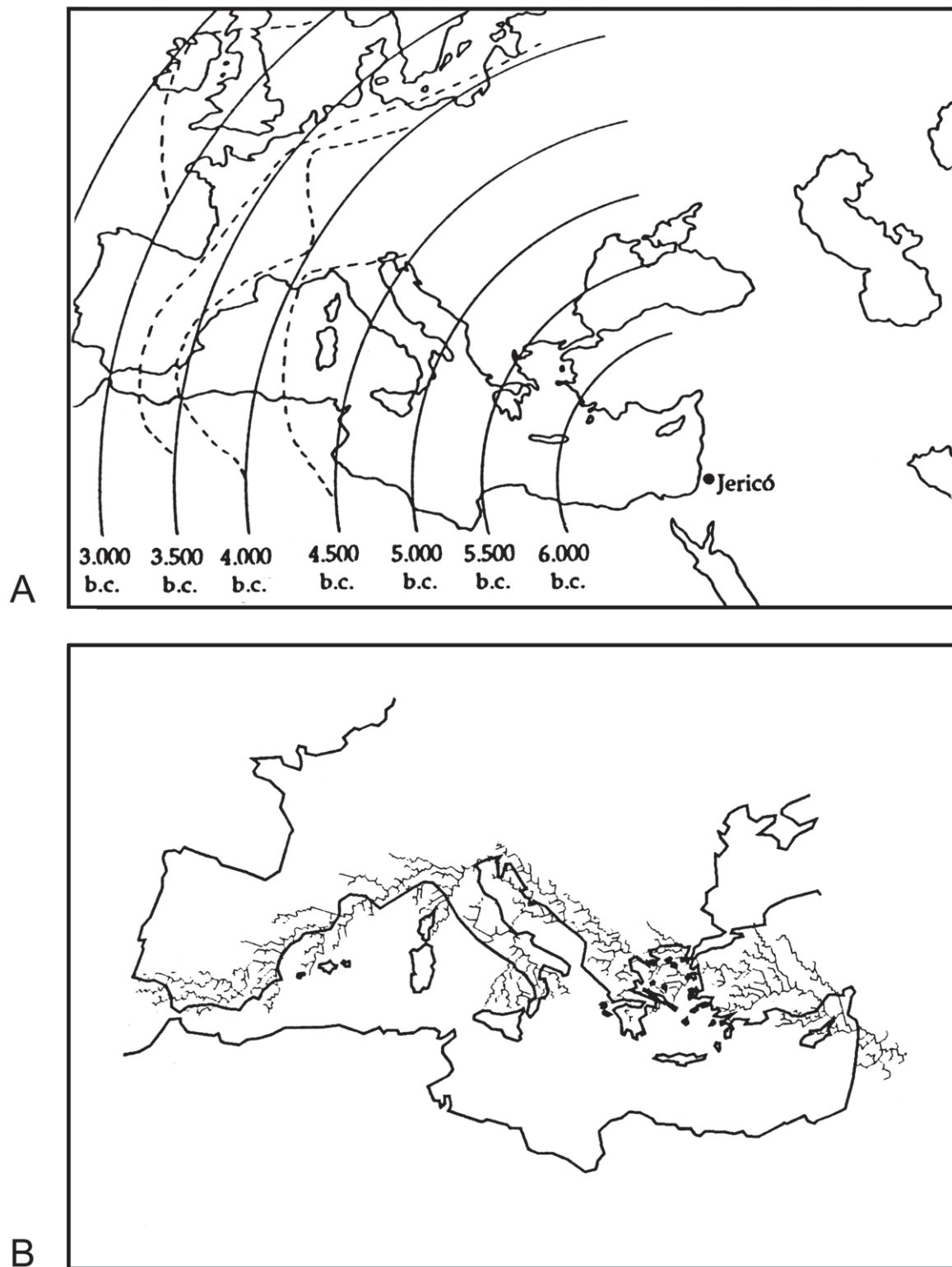
- ARNAUD, J. M. (2000) – Os concheiros mesolíticos do Vale do Sado e a exploração dos recursos estuarinos (nos tempos pré-históricos e na actualidade). *Actas do Encontro sobre a Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: IPA, p. 21-43.
- CARDOSO, J.L.; CARVALHO, A. F. & NORTON, J. (1998) – A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 16, p. 55-96.
- CAUWE, N. (2004) – Le début du Néolithique dans la plaine septentrionale de l'Europe. In J. Guilaine (dir.), *Aux marges des grands foyers du Néolithique*. Paris: Editions Errance, p. 283-294.
- GOMES, M. Varela (1997) – Megalitismo do Barlavento algarvio. Breve síntese. *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p.147-190.
- GUILAINE, J. dir. (2004) – *Aux marges des grands foyers du Néolithique*, Paris: Editions Errance
- JENSEN, J. (1982) – *The Prehistory of Denmark*. Londres/Nova York : Methuen.
- QUEIROZ, P. F. (1999) – *Ecologia histórica da paisagem do Noroeste Alentejano*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor em Biologia. Lisboa.
- RODRÍGUEZ ALCALDE, A.L.; ALONSO JIMÉNEZ, C. & VELÁZQUEZ CANO, J. (1995) – La difusión occidental de las especies domésticas: una alternativa a la “Ola de avance”. *Actas do I Congreso del Neolítico a la Península Ibérica (Rubricatum, 1)*, 2, p. 835-842.
- SANTOS, M. Farinha dos ; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974) – O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (Vale do Sado, Torrão). Primeira notícia. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, p. 173-189.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1997) – Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste português. O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p.69-108.
- SOARES, J. (1995) – Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 6. Porto, p.27-45.
- SOARES, J. (1996) – Padrões de povoamento e subsistência no Mesolítico da Costa Sudoeste portuguesa. *Zephyrus*, 49, p. 109-124.
- SOARES, J. (1997) – A transição para as formações sociais neolíticas na Costa Sudoeste portuguesa. In *O Neolítico Atlântico e os orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, p. 587-608.

---

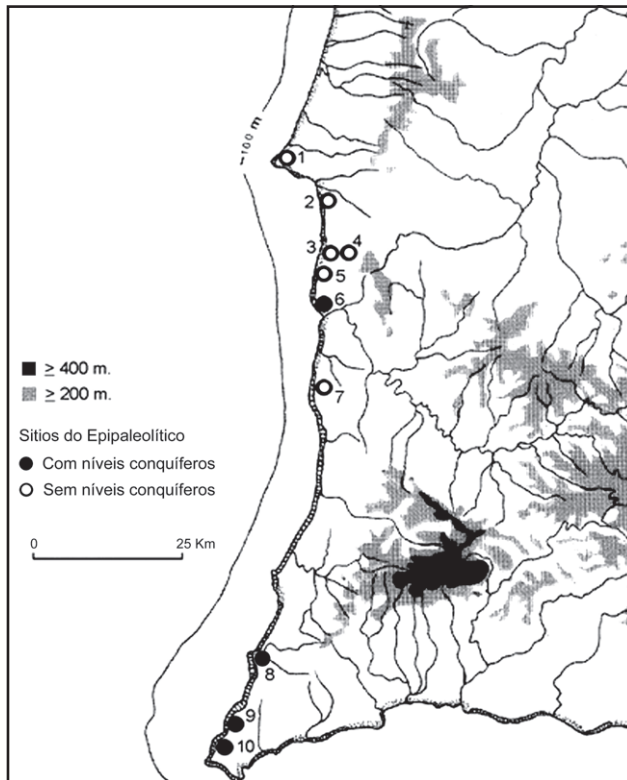
<sup>4</sup> Recentemente, P.-L. Van Berg e N. Cauwe (2000) procuraram reunir as cerâmicas dos contextos mesolíticos da planície setentrional europeia em um único conjunto filogenético, cuja origem se situaria na Sibéria oriental. Baseiam-se em algumas afinidades existentes entre elas, como o fundo pontiagudo e decoração pouco elaborada. Mas como frisa J. Guilaine, “ Pour être démontrée, cette hypothèse devrait s'appuyer sur un irréfutable enchaînement chronologique est-ouest, ce que l'état actuel des données ne permet pas” (GUILAINE, 2004, p. 281).

- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1993). Na transição Plistocénico-Holocénico: marisqueio na Pedra do Patacho. *Al-Madan*, Série II, 2, p.21-29.
- SOARES, J.; SILVA, C. Tavares da (2004) – Alterações ambientais e povoamento na transição Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste. *Actas do Colóquio Evolução Geohistórica do Litoral Português e Fenómenos Correlativos*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 197-423.
- SOARES, J.; SILVA, C. Tavares da & CANILHO, M.H. (2005-07) – Matérias-primas e mobilidade logística no Mesolítico da Costa Sudoeste. Os sítios de Samouqueira I e Armação Nova. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 2, p.47-62.
- VAN BERG, P.-L. & CAUWE, N. (2000) – Les plus anciennes céramiques d'Asie et leurs relations avec la peninsule européenne. In P.L. Van Berg *et al.* (dirs.), *Les vivants, les morts et les autres*, p. 25-40.

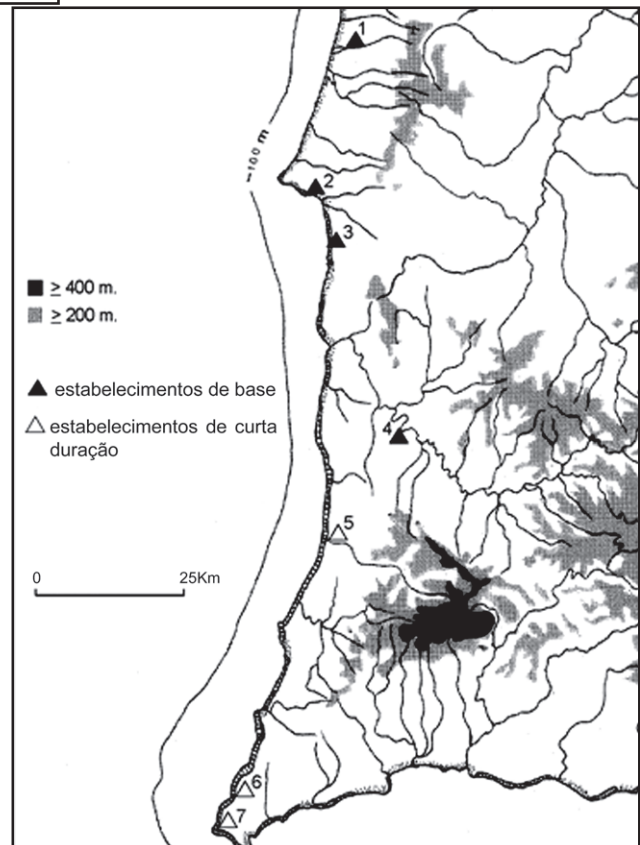




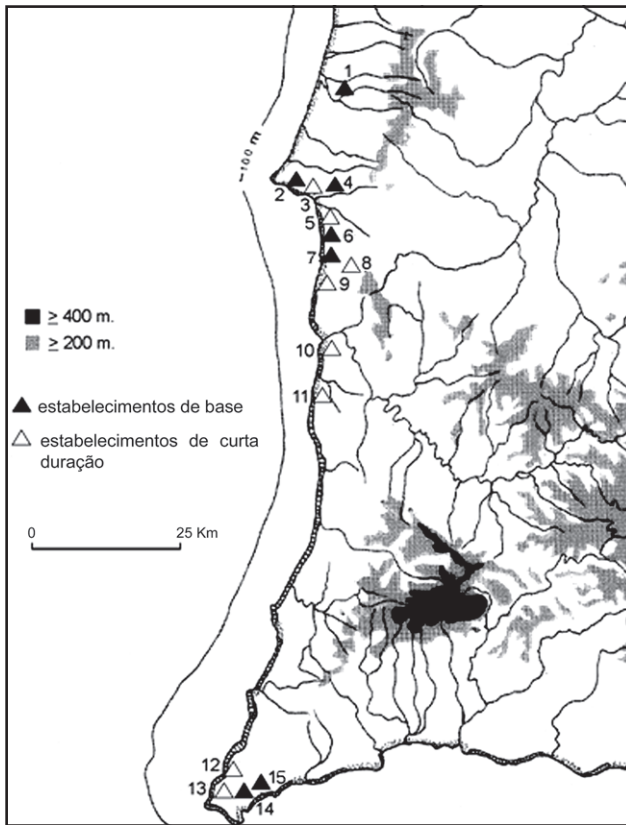
**Fig. 1** – Modelos que procuram explicar o processo de neolitização: Difusão démica, que tem a sua melhor expressão na “ola de avance” (A); osmose cultural, concretizada por relações de vizinhança ou de carácter “capilar” (B). (Seg. RODRIGUEZ ALCALDE *et al* , 1996).



**Fig. 2** – Costa Sudoeste. Sítios do Epipaleolítico: 1 – Cabo de Sines; 2 – Oliveirinha (Sines); 3 – Aivados (Vila Nova de Milfontes); 4 – Espigão (Vila Nova de Milfontes); 5 – Nascedios (Vila Nova de Milfontes); 6 – Pedra do Patacho (Vila Nova de Milfontes); 7 – Palheiros do Alegria (Almograve); 8 – Fonte Santa (Aljezur); 9 – Castelejo (Vila do Bispo); 10 – Quebradas I e III (Vila do Bispo).

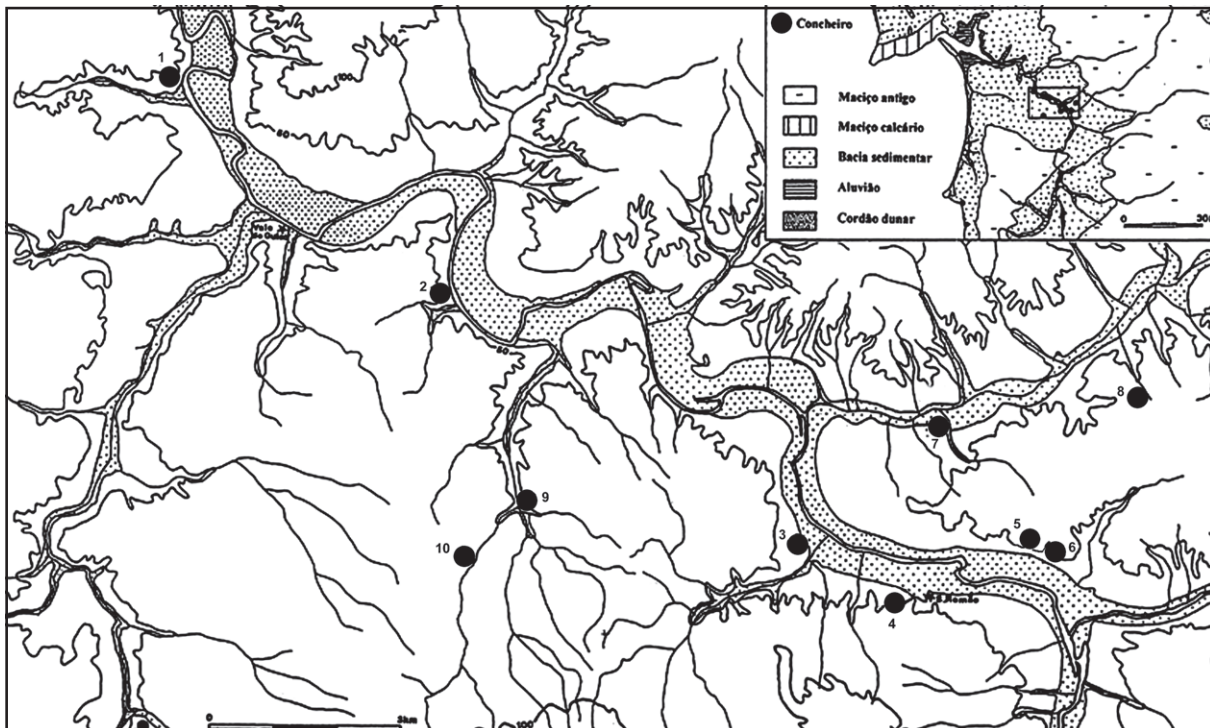


**Fig. 3** – Costa Sudoeste. Sítios do Mesolítico: 1 – Santa Marinha (Melides); 2 – Vale Marim (Sines); 3 – Samouqueira I (Porto Covo); 4 – Fiães (Odemira); 5 – Montes de Baixo (Odemira); 6 – Castelejo (Vila do Bispo); 7 – Armação Nova / Rocha das Gaivotas (Sagres).



**Fig. 4** – Costa Sudoeste. Sítios do Neolítico Antigo e Antigo evolucionado: 1 – Salema (Santiago do Cacém); 2 – Vale Pincel I (Sines); 3 – Brejo Redondo (Sines); 4 – Vale Marim II (Sines); 5 – Oliveirinha (Sines); 6 – Samouqueira II (Porto Covo); 7 – Vale Vistoso (Porto Covo); 8 – Vidigal (Porto Covo); 9 – Galés (Vila Nova de Milfontes); 10 – Água da Moita (Almograve); 11 – Medo Tojeiro (Almograve); 12 – Castelejo (Vila do Bispo); 13 – Vale Santo I (Sagres); 14 – Cabranosa (Sagres); 15 – Padrão (Sagres).

**Fig. 5** – Cocheiros mesolíticos do Vale do Sado. 4 – Amoreiras; 5 – Cabeço do Pez. (Seg. ARNAUD, 2000).



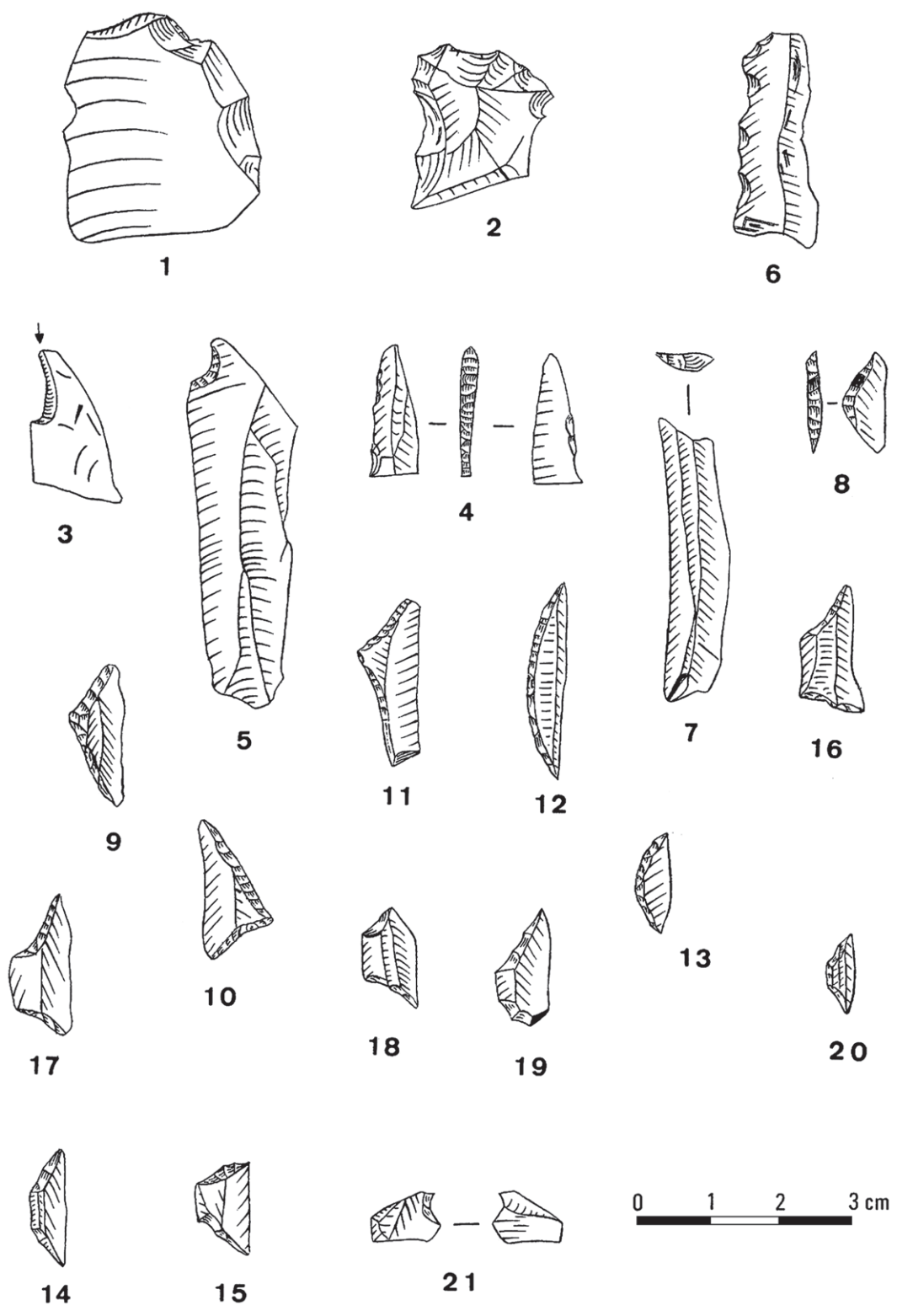


Fig. 6 - Indústria lítica do concheiro mesolítico do Cabeço do Pez (Seg. SANTOS *et al.*, 1974).



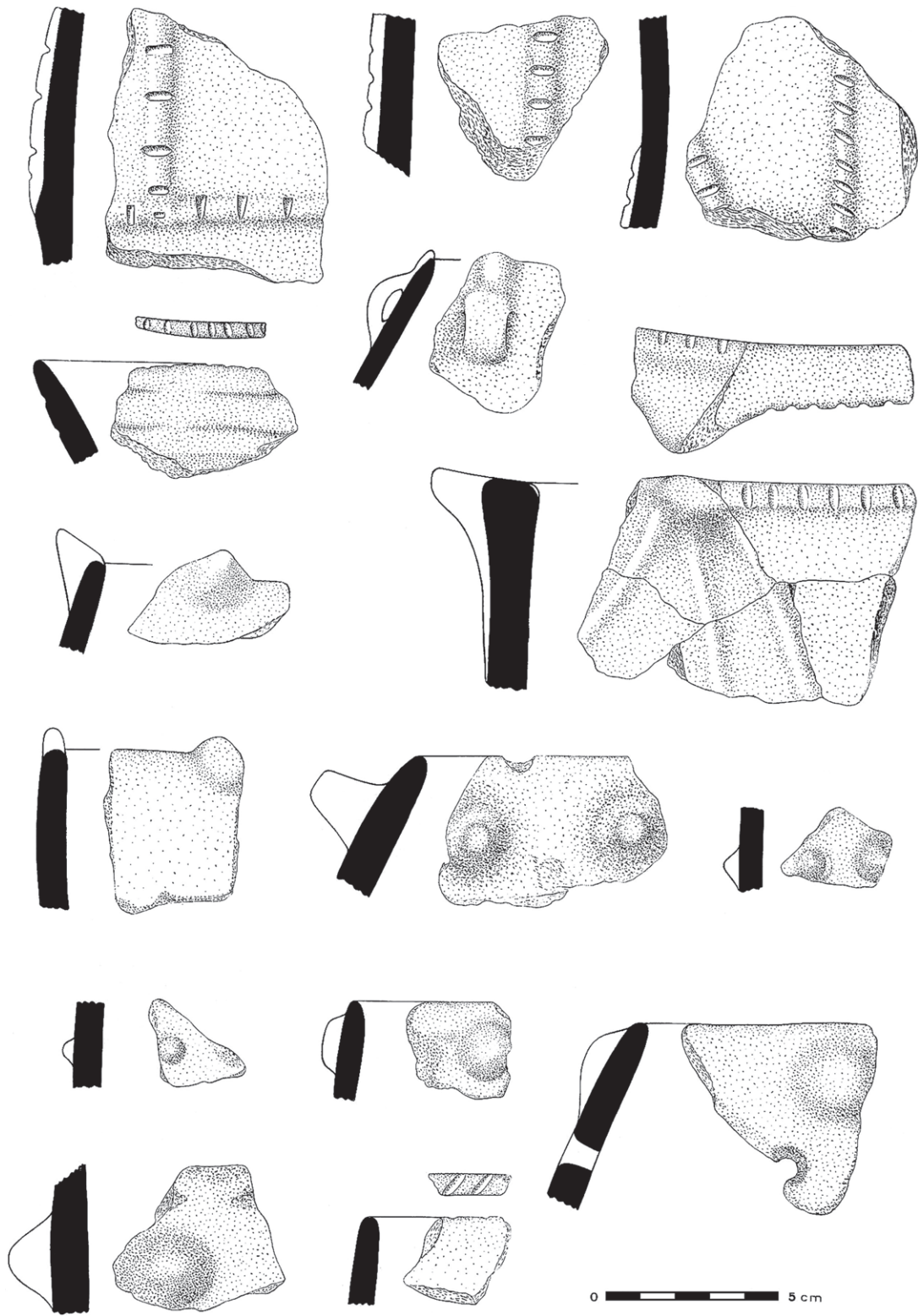


Fig. 7 - Cerâmica do concheiro mesolítico do Cabeço do Pez (Seg. SANTOS *et al.*, 1974).